

Comunicado ante o julgamento de 24 de Janeiro de 2022

A Audiência Nacional Espanhola, julgará proximamente outros/as quatro independentistas galegos/as, detidos/as e encarcerados/as em Junho de 2019. Com motivo deste novo julgamento o C.P.I.G decidiu fazer esta declaração pública:

Durante quase vinte anos, como consequência da repressão por parte do Estado espanhol das actividades da resistência galega, muitos fomos perseguidos, detidos, passados pelas esquadras e quartéis da guardia civil, em muitas ocasiões submetidos a tratamentos vejatórios, incomunicados baixo a lei antiterrorista, julgados longe do País num tribunal especial e sentenciados a longas condenas de prisão. Alguns de nós levamos já mais de dez anos encarcerados, muitos deles desterrados e dispersados a centos de quilómetros da Galiza baixo restritos regimes carcerários.

Hoje e aqui reafirmamos o nosso compromisso político com a libertação nacional e social da Galiza. Nunca reconhecemos e nunca reconheceremos a nenhum Tribunal do Estado espanhol cujo sistema jurídico-penal insiste em negar e reprimir o direito inalienável à nossa autodeterminação como povo, em amparar legalmente a destruição das bases materiais e naturais da nossa Terra, sem as quais não é possível uma vida digna e próspera, e em manter um regime oligárquico-monárquico sobre a corrupção, enormes desigualdades e intoleráveis privilégios.

Ante o entramado excepcional e repressivo antiterrorista de Espanha defendemo-nos como podemos, sabendo que as limitações são as que são, às vezes insuperáveis, mas nunca legitimaremos (tampouco dentro dos seus cárceres) a sua legalidade e o seu estado de excepção democrático.

Podemos pensar o que queiramos e modular o nosso tempo e as nossas forças como quisermos, mas o conglomerado de ocupação não descansa nem dá tregua, nem sabe de eidos políticos. O seu desenho é uma linha letal recta de crescimento e arrasamento acelerado, uma guerra permanente até ao completo colapso social e total extinção ambiental e identitária da nossa Nação. Profanação dos últimos espaços de vida, cooptação-repressão das últimas vontades contumazes. E para terem êxito nesta empresa, sabem que necessitam um povo sem memória e sem comunidade, sem identidade e sem Terra; sem mecanismos sociais de alerta, protecção e resposta ante as agressões.

Só o arredismo galego está em condições de combater o desenho de ruína e destruição desta máfia política e económica, porque -com erros e acertos- nunca eludiu os problemas e soubo sempre dar-lhe a volta ao medo com dignidade, e à frustração com propostas práticas de saúde social e ativismo comunitário. Mas para já, precisamos de mais irmandade, maiores doses de tolerância, paciência e resistência militante, assim como de uma cultura política menos fratricida.

Apelamos a todas e todos, velhos e novos, às novas gerações a levantar (ou afortalar, reconstruir) instituições populares soberanas, estruturas sólidas e eficazes de autodefesa colectiva e sobrevivência como povo, alimentando essa fértil comunidade histórica de resistência nacional em defesa da Terra e da Vida que nem a repressão nem os encarceramentos nem a ideologia do progresso e as novas tecnologias de apaciguamento e controlo social foram capazes de derrotar.

Denantes mortos que escravos!